



**UNIVERSIDADE
FERNANDO
PESSOA**

De que forma a manipulação das emoções individuais pelo discurso populista no século XXI promove uma particular mobilização de massas na União Europeia

In what way does the manipulation of individual emotions through populist discourse in the 21st century promote a particular form of mass mobilization in the European Union?

Projeto de Graduação

[1º ciclo de estudos Ciência Política e Relações Internacionais]

Joana Filipa da Costa Ferreira - 2023107452

Orientadora: Prof.^a Doutora Ana Campina

Junho 2026

De que forma a manipulação das emoções individuais pelo discurso populista no século XXI promove uma particular mobilização de massas na União Europeia

In what way does the manipulation of individual emotions through populist discourse in the 21st century promote a particular form of mass mobilization in the European Union?

Projeto de Graduação

[1º ciclo de estudos Ciência Política e Relações Internacionais]

Joana Filipa da Costa Ferreira, n. 2023107452

Orientadora: Professora Doutora Ana Campina

De que forma a manipulação das emoções individuais pelo discurso populista no século XXI promove uma particular mobilização de massas na União Europeia

Joana Filipa da Costa Ferreira

Projeto de graduação apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais, sob orientação da Professora Doutora Ana Campina.

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer à minha família pelo apoio incondicional, sem eles eu não teria chegado tão longe.

Um especial obrigado ao meu namorado e aos meus amigos, tanto dentro como fora desta faculdade por todo o apoio e carinho que me deram não só ao longo deste projeto, mas sobretudo ao longo destes 3 bonitos anos.

Tenho ainda que agradecer à Universidade Fernando Pessoa, por se ter tornado “Casa” nesta minha jornada, e um especial obrigado à Professora Doutora Ana Campina, que sempre exigiu o melhor de nós.

Resumo

No âmbito da Ciência Política a presente pesquisa foca-se no declínio das Democracias Liberais na Europa, sobretudo dentro da União Europeia, e no consequente ressurgimento do populismo no século XXI. Ao contrário do passado, o recuo das democracias atuais acontece de formas silenciosas e de formas legais através de governos eleitos que corroem o sistema por dentro. O Populismo funciona como uma ideologia flexível que divide a sociedade entre o “povo puro” e as “elites corruptas” obtendo força com crises económicas e migratórias que influenciam os eleitores e enfraquecem os Partidos Tradicionais.

Na área da Sociologia, avalia-se como o discurso populista manipula emoções, como o medo e a raiva, se se espalha no ecossistema digital. O projeto realça ainda os métodos populistas que se baseiam na propaganda, notícias falsas (*fake news*), censura e uma linguagem agressiva. Por fim, o estudo mostra a diferença entre os casos da Hungria e Itália como exemplos de retóricas populistas.

Palavras-Chave: Populismo, Ideologia, declínio das Democracias, eleitores, propaganda, Hungria, Itália

Abstract

Within the field of Political Science, this research focuses on the decline of liberal democracies in Europe, particularly within the European Union, and the consequent resurgence of populism in the 21st century. Unlike in the past, the regression of contemporary democracies occurs through silent and legal means, carried out by elected governments that erode the system from within. Populism functions as a flexible ideology that divides society between the "pure people" and the "corrupt elites," gaining strength from economic and migratory crises that frustrate voters and weaken traditional political parties.

In the field of Sociology, the study assesses how populist discourse manipulates emotions such as fear and anger, and how it spreads throughout the digital ecosystem. The project also highlights populist methods that rely on propaganda, fake news, censorship, and aggressive language. Finally, the study highlights the differences between the cases of Hungary and Italy as examples of populist rhetoric.

Keywords: Populism, Ideology, Democratic Decline, Voters, Propaganda, Hungary, Italy

Introdução.....	8
Capítulo I - Enquadramento teórico do Populismo na Europa.....	9
1.1- Democracias em risco: O declínio das democracias na Europa	9
1.2- Afirmação e Concetualização do Populismo na Europa	10
1.3 – Caracterização e mutações do eleitorado na Europa no Século XXI	12
Capítulo II - Sociologia Política e Populismo	14
2.1 – Emoção e Desinformação: Manipulação da informação como estratégia discursiva.....	14
2.2 – Participação e Educação Política: Perspetivas	15
Capítulo III – Populismo: Estudos de caso na União Europeia.....	17
3.1 – Instrumentalização do discurso populista	17
3.2 – O Populismo na Hungria	19
3.3 – O Populismo em Itália	22
3.4 – Estudo comparativo sobre Itália e Hungria.....	24
Conclusão	27
Referências Bibliográficas	28

Introdução

O cenário político atual tem mudado rapidamente, principalmente no que toca à expansão de partidos que trazem consigo uma diferente retórica e abordagem, tentando abalar o sistema tradicional. Desta forma, o que se pretende com este estudo é analisar a questão sobre quais as principais motivações, instrumentos e estratégias utilizadas pelos movimentos populistas, na União Europeia, para mobilizar e conquistar o apoio do eleitorado.

Este projeto pretende analisar o conceito de Populismo através da análise e perspectiva de diferentes autores, assim como compreender quais são as técnicas de retórica e instrumentalização deste discurso por parte dos candidatos de cariz populista de modo a persuadir o eleitorado.

Para isso, na sua metodologia, foi feita uma análise qualitativa. O projeto usou a revisão da literatura científica, relatórios internacionais de avaliação da Democracia como o *Varieties of Democracy* e o *Freedom House* e também estudos de casos atuais, especificamente a Hungria e a Itália. Para além disso foram usadas ferramentas de Inteligência Artificial, em particular *Gemini (Google)* e *ChatGPT (OpenAI)*, no que toca à tradução de livros e artigos de onde foi retirada a informação para fundamentar esta pesquisa.

Este projeto possui três capítulos principais. O primeiro é composto por três subcapítulos, com o objetivo de entender o avanço desta onda de populismo, assim como explicar em que consiste esse fenómeno. O segundo capítulo foca-se fundamentalmente numa abordagem da sociologia, de modo a compreender como e por que esta retórica populista afeta o eleitorado. Por sua vez, o terceiro capítulo baseia-se em dois estudos de caso, especificamente os casos da Hungria e da Itália com o objetivo de explicar como os candidatos alcançaram o poder.

Capítulo I - Enquadramento teórico do Populismo na Europa

1.1- Democracias em risco: O declínio das democracias na Europa

Após a II Guerra Mundial (1945) e, consequentemente, a Guerra Fria e a Queda do Muro de Berlim (1989), pensava-se que viria uma vaga de democratização, apoiado por autores como Samuel Huntington que, implementa este conceito na sua obra *“The Third Wave: Democratization in the Late Twentieth Century”*. De acordo com o autor, as “vagas de democratização” ocorrem quando múltiplos países transitam para regimes democráticos num período específico. No entanto, estas são sucedidas por um retrocesso, a “vaga de refluxo”, na qual vários desses novos Estados democráticos acabam por recuar, impedindo a vitória definitiva da democracia “cada uma das duas primeiras vagas de democratização foi seguida por uma vaga de refluxo, na qual alguns, mas não todos os países que tinham feito anteriormente a transição para a democracia, reverteram para um governo não democrático” (Huntington, 1991).

Após a Revolução dos Cravos em Portugal em 1974, iniciou-se a 3ª vaga de democratização que se expandiu mundialmente, contudo rapidamente se alterou no início do século XXI que, ao contrário do que era esperado, ocorreu um processo de declínio das democracias, especialmente na Europa, algo que Samuel Huntington teria antecipado na sua obra, afirmando que uma 3ª “vaga de refluxo” estaria por vir “Num certo sentido, as vagas de democratização e as vagas de refluxo sugerem um padrão de “dois passos em frente, um passo atrás” (Huntington, 1991).

A referência a “um passo atrás” mencionado por Samuel Huntington (1991), relaciona-se com a queda dos regimes democráticos que, nas primeiras vagas de democracia, eram derrotados através de golpes de militares ou golpes do executivo, porém após a Guerra Fria isso alterou-se.

Atualmente, na grande maioria dos casos, o declínio das Democracias não ocorre através de atos violentos, mas sim, de uma forma diferente, tornando-se quase impercetível, como defendem Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) na sua obra, “As democracias continuam a morrer, mas por meios diferentes. [...] a maioria dos colapsos democráticos não foi causada por generais e soldados, mas sim pelos próprios governos eleitos. [...] Não há tanques nas ruas. As constituições e outras instituições nominalmente democráticas mantêm-se em vigor. As pessoas continuam a votar. Os autocratas eleitos

mantêm uma fachada de democracia enquanto lhe esvaziam a substância” (Levitsky & Ziblatt, 2018).

Para apoiar a teoria exposta por Samuel Huntington sobre o ciclo inerente à Democracia, diversos relatórios internacionais, tais como o *V-dem (Varieties of Democracies)*, e *Freedom House* demonstram que a autocratização tem vindo a desenvolver-se exponencialmente no século XXI, pois “os últimos anos constituem verdadeiramente um período excecionalmente negativo para a democracia. Têm sido batidos sucessivos recordes no que respeita ao número de países em processo de autocratização; à proporção de países no mundo em autocratização; e à percentagem da população mundial que vive tanto em países em vias de autocratização, como em países já autocráticos.” (V-dem 2025) Assim, a antevisão de Huntington sobre o padrão "dois passos em frente, um passo atrás", está, atualmente, num retrocesso democrático, como confirmam os relatórios internacionais, demonstrando ainda, que este está a ser um dos maiores processos de declínios democráticos para regimes pró-autocratização, da história contemporânea.

1.2- Afirmação e Concetualização do Populismo na Europa

Antes de tentar compreender no que consiste o Populismo, importa analisar o conceito “Democracia” que, segundo o autor Cas Mudde, consiste na junção da soberania popular e o governo da maioria “[...]is best defined as the combination of popular sovereignty and majority rule[...]", atualmente, quando nos referimos a democracia, normalmente referimo-nos à designada Democracia Liberal, sendo que a principal diferença entre ambas é que acrescentando aos princípios gerais da Democracia em si, a Democracia Liberal “[...]estabelece instituições independentes especializadas na proteção de direitos fundamentais, tais como a liberdade de expressão e a proteção das minorias.”, Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser (2017), no livro “Populismo: Uma Breve Introdução”.

Por sua vez, o Populismo vai contra a Democracia Liberal, invocando sobretudo os princípios gerais da Democracia em si, em que “[...] os populistas invocam frequentemente o princípio da soberania popular para criticar as instituições independentes que procuram proteger direitos fundamentais inerentes ao modelo democrático liberal.” (Mudde & Rovira Kaltwasser, 2017).

Por sua vez, o conceito “Populismo” não pode ser interpretado através de uma única definição, de modo que, vários autores contribuem para a definição deste conceito que tem sido alvo de vários debates na atualidade.

Apesar de alguns autores se referirem ao Populismo como uma ideologia, existem outros que discordam, sendo difícil definir este conceito como uma ideologia única.

Como se pode ler na obra “O Que é o Populismo?” de Jan-Werner Müller, a questão sobre a definição do Populismo foi colocada a inúmeros inquiridos e verificou-se que não houve consenso.

Segundo este autor, Jan-Werner Müller, o Populismo é uma ideologia anti-pluralista e antissistema que coloca o “povo” como um grupo moralmente superior, contrariamente às elites corruptas, onde apenas os designados “populistas” conseguem responder aos seus problemas, “O populismo [...] coloca um povo moralmente puro e totalmente unificado [...] contra elites julgadas corruptas ou de alguma outra maneira moralmente inferiores” (Müller, 2017), para ele o populismo é inexistente se não houver a menção do povo. O autor alemão enuncia ainda que “O populismo é uma espécie de sombra permanente sobre a democracia representativa e um perigo constante” (Müller, 2017). O populismo surge no contexto da Democracia, “Posicionamos o populismo, antes de mais, no contexto da democracia liberal.” (Mudde & Rovira Kaltwasser, 2017), nasce de dentro desta e, na grande maioria das vezes, ocorre quando há falhas na mesma, nomeadamente corrupção, falhas por parte de instituições e do governo, descontentamento da população. Por sua vez, o líder populista tenta incorporar-se no chamado “povo” apelando às suas necessidades, preocupações e tristezas, de modo a ser visto como alguém que os entende e quer representar, “Não basta ao populista afirmar que é «um de nós», tem de o provar”. Cas Mudde, tenta explicar no que consiste o populismo através da “*thin-centered ideology*”, isto significa que o Populismo é algo flexível, podendo unir-se tanto a ideologias de direita (nacionalismo) como de esquerda (socialismo), algo que se torna importante para se moldar às ânsias dos eleitores. Porém, como afirma o autor “[...] por si só, o populismo não pode oferecer respostas complexas nem abrangentes às questões políticas que as sociedades modernas geram.” (Mudde & Rovira Kaltwasser, 2017).

Esta ideologia a que o autor intitula de “*thin-centered ideology*” demonstra a grande separação entre o denominado “povo” e as “elites” – “*Populism has three core concepts: the people, the elite, and the general will*” (Mudde & Rovira Kaltwasser, 2017).

Para o autor português José Pedro Zúquete, que se inspira no pensamento do autor europeu Cas Mudde, na sua obra “Populismo: Lá fora e cá dentro”, o populismo refere-

se como algo que surge associado à Democracia “Pensar no populismo é, portanto, pensar na democracia.”, e que este ganha forma através da separação do chamado “povo” e as “elites”, uma visão do “nós” oposto a “eles”. Como cita o autor “[...] os excluídos, os alienados, os mais pobres [...] numa oposição cerrada ao “*status quo*” e a uma elite vista como corrupta e antipatriótica.” (Zúquete, 2022), o que leva à ideia de que o populismo cresce, devido ao “esquecimento” dos problemas dos eleitores por parte dos governos e líderes políticos.

1.3 – Caracterização e mutações do eleitorado na Europa no Século XXI

Após a II Guerra Mundial, os Partidos Políticos que outrora eram mais apoiados a nível eleitoral perderam esse mesmo apoio tendo como principais fatores para essa alteração: as migrações; a afirmação da diversidade religiosa, étnica e cultural; e ainda a questão demográfica, nomeadamente o envelhecimento populacional que afeta seriamente a Europa.

No que concerne aos Partidos Políticos, em particular os intitulados “Partidos Tradicionais”, têm vindo a perder eleitores nas últimas eleições devido a diversos fatores e, consequentemente, à problemática dos níveis de abstenção, em todos os atos eleitorais, facto que afeta a generalidade dos Estados Europeus, o que contribui e culmina com o aumento de eleitores em Partidos de cariz populista.

De acordo com os autores Koch, Meléndez e Rovira Kaltwasser (2021), a Europa Ocidental tem sofrido mutações eleitorais, evidenciando uma distinção entre três grupos de eleitores: “eleitores tradicionais (mainstream), não votantes e eleitores populistas”.

Na visão destes autores, os eleitores tradicionais (mainstream) são fieis à Democracia Liberal, participam nas eleições e votam em Partidos Tradicionais, Centro Direita ou Centro Esquerda; os “não votantes” que não exercem o seu direito ao voto e não se informam da política do seu país, e por fim os “eleitores populistas”, que têm vindo a aumentar nas ultimas décadas que, ao contrário dos não votantes, estão por dentro de toda a política e exercem o seu direito de voto, mas, como citam Koch et al. (2021) “apoiam partidos que frequentemente promovem agendas que minam as instituições e as normas democráticas liberais”.

Esta mutação acontece devido à insatisfação e descontentamento dos eleitores para com os governos e a prática da democracia atual, e ainda à perceção de que os regimes tradicionais, não respondem às preocupações e ansias da população. Enquanto que os

eleitores tradicionais sentem-se representados pelos partidos políticos, os eleitores em partidos populistas, apesar da sua crença na democracia, sentem que esta não está a ser suficiente, maioritariamente, devido às elites políticas, o que leva ao seu voto em partidos opositores como forma de confronto, “[...] as forças populistas não aparecem do nada. A sua emergência eleitoral está diretamente relacionada com a perceção dos cidadãos de que os partidos políticos tradicionais estão desligados da realidade e funcionam como agentes responsáveis perante os mercados internacionais e as instituições supranacionais, em vez de agirem como agentes recetivos às necessidades da população nacional” (Koch et al. (2023)).

Todas estas mudanças, desinteresse e insatisfação por parte do eleitorado para com os Partidos Políticos, tem adicionalmente que ver com questões culturais, mas sobretudo, económicas, que de acordo com autores como Angelucci e De Sio (2021) são consideradas fatores principais das causas de mutação do eleitorado na Europa Ocidental. Nomeadamente, a Crise Financeira de 2008 e a Crise dos Refugiados da última década, serviram de impulso para um aumento dos Partidos Populistas “[...] a crise financeira e, na Europa, a crise dos refugiados impulsionaram a ascensão dos partidos desafiadores em todo o mundo ocidental [...]”, Angelucci e De Sio (2021).

De acordo com os autores, estas crises foram a “Tempestade Perfeita” para um crescimento do populismo, gerando um maior descontentamento na população, sobretudo, em relação ao “*establishment*”, que se demonstra num maior apoio a Partidos de Esquerda e Direita Radical, como forma de revolta por parte da população, “[...] muitos argumentaram que, embora estes partidos sejam a expressão de um descontentamento político generalizado em relação ao *establishment* político, uma característica que une estes partidos sob o rótulo “Populista” [...]”. Segundo os autores Angelucci e De Sio (2021), estas transformações do eleitorado estão relacionadas com as transformações que ocorreram devido à integração na União Europeia. Esta integração na organização supranacional, simbolizou uma perda de poder para os Governos nacionais, algo que originou um sentimento de falta de controlo soberano, o que gerou a um forte debate sobre problemas como migrações, soberania dos Estados-Nação e a uma maior polarização. Com o processo de integração Europeia, os Estados Membros abdicam de parte da sua soberania para a União, o que contribui para a preocupação da população no que respeita à tomada de decisões políticas menos eficazes por parte dos partidos tradicionais, contribuindo para um maior apoio a partidos contestatários.

Capítulo II - Sociologia Política e Populismo

2.1 – Emoção e Desinformação: Manipulação da informação como estratégia discursiva

Para compreender a manipulação de emoções como estratégia discursiva é preciso ter em consideração de que o discurso populista não se baseia somente na distorção de factos ou narrativas, mas sim através do ajuste do seu discurso às preocupações e inseguranças da população, baseando-se, especialmente na glorificação do “povo” virtuoso, contra as “elites” corruptas. Segundo Donatella Bonansinga, no seu artigo *'Who Thinks, Feels: The Relationship Between Emotions, Politics And Populism'* (2020), o discurso populista não resulta da “irracionalidade”, muito pelo contrário, o seu estudo evidencia como as emoções são as ferramentas que guiam a análise da informação. Esta autora propõe analisar a relação entre as emoções e o Populismo segundo 3 Dimensões, a saber, a “Dimensão Estrutural” que se foca nos problemas globais dando caminho para o Populismo, como as crises económicas e as rápidas mudanças sociais, aos quais designa por “Macroprocessos”, e ainda a mudanças a longo prazo; a “Dimensão Subjetiva” que se baseia na Psicologia Política objetivando compreender a mente da pessoa, de modo a estudar as emoções como o medo e a raiva que surgem quando não têm respostas para os seus problemas. De acordo com a mesma fonte, “finalmente, quando os nossos objetivos não são alcançados, experienciamos aversão que recorre a sentimentos de raiva, desprezo, frustração ou nojo” Bonansinga (2020), algo que torna o discurso populista mais apelativo aos eleitores; e por fim, a “Dimensão comunicativa” que se revela através dos discursos apelativos utilizados pelos políticos para persuadir o eleitorado, de modo a dizer exatamente os que as pessoas querem ouvir, não somente através do uso de inverdades, mas também da articulação do seu discurso de forma a integrar-se na sociedade. Assim, desta perspetiva, estas três dimensões analíticas permitem uma visão multidimensional das emoções e do Populismo.

A análise de Jan-Werner Müller sobre o populismo explicita-se numa “particular imaginação moralística da política”, de modo a que coloca o “povo moralmente puro” contra as “elites julgadas corruptas”, as quais “não fazem verdadeiramente parte do povo” (Müller, 2017). Assim, o povo é visto como um grupo negligenciado pelo governo e pelos Partidos Tradicionais, revoltando-se contra o *establishment* político, sustentando que este fracassou a atender às suas exigências.

Como é defendido pelo autor, o populismo é uma ideologia anti-pluralista, em que o líder populista apenas afirma representar uma parcela do povo e não o povo todo em si, ao que define de “povo real”, “É esta a reivindicação nuclear do populismo: só uma parte do povo é realmente o povo” (Müller, 2017). Deste modo, aqueles que contrariarem ou não se encaixem nos critérios do líder populista é retratada como inimiga, não fazendo parte do “povo puro” legítimo.

A tática discursiva de manipulação por parte do seu discurso utilizado pelos líderes populistas é conseguir persuadir que eles são os únicos aptos a compreender e satisfazer as vontades e desejos do povo, apenas ele “[...] identifica e representa autenticamente o real ou verdadeiro povo.” (Müller, 2017).

A linguagem utilizada por estes líderes é fulcral para captar a atenção dos eleitores, muitas vezes através do calão ou até mesmo “[...] o uso ocasional de asneiras ou expressões grosseiras[...]" (Zúquete, 2022), de modo a tentar transmitir a informação como se ele próprio um membro do povo puro, tornando-se mais carismático e com o desejo de parecer verdadeiro, “não basta o populista afirmar que é um de nós, tem de o provar.” (Zúquete, 2022).

2.2 – Participação e Educação Política: Perspetivas

Nas Democracias Contemporâneas o nível de participação dos cidadãos a nível político tem vindo a diminuir, principalmente no que toca ao voto. Esta transição, intensificou-se, sobretudo, nas últimas décadas, devido à elevada desconfiança por parte dos cidadãos nas instituições políticas e à falta de respostas por parte dos Partidos Tradicionais decorrente da falta de respostas na deliberação de problemas públicos, o que se traduz numa elevada ausência de eleitores nas urnas e de um crescimento da taxa de abstenção.

Entender que a política mudou, é um aspeto fundamental para perceber que a mudança na participação política, atualmente, não é apenas através do voto que se manifestam os comportamentos e intenções políticas, a esse processo é atribuído o nome de “Revolução Participativa”, Ribeiro, Neves e Menezes (2017), conceito desenvolvido por Kaase, 1984. A política deixou de ser apenas atribuída ao ato de votar, mas adaptou-se a vários contextos do dia a dia, sobretudo com o surgimento e crescimento das redes sociais, tornando a política mais contínua, isto é, ao contrário de se aliciarem a partidos políticos, o cidadão decide integrar-se em causas concretas e temporárias, frequentemente por meio de atividades online e redes sociais, algo que está intrinsecamente associado à falta de

confiança nas instituições e partidos tradicionais "atualmente, particularmente na perspectiva dos jovens, a participação pode ser analisada através de, por exemplo, voluntariado, atividades comunitárias, consumismo e, acima de tudo, atividades online", Ribeiro et al. (2017).

Atualmente, existe um paradoxo no que toca à participação convencional dos cidadãos, especialmente dos jovens na vida política, isto é, a fraca percentagem de cidadãos que votam em eleições demonstrando uma “apatia política”, e por outro lado, um maior envolvimento, sobretudo dos mais jovens, em questões menos convencionais na política, nomeadamente através das redes sociais, redefinindo a cidadania política ativa, "Por um lado, uma vertente focada em formas mais convencionais de participação, que acentua sinais de apatia política e desconfiança dos cidadãos em geral, com um especial destaque na juventude [...] Por outro lado, uma vertente que vai além das formas mais convencionais de participação e, ao invés, considera os sinais de uma participação acrescida dos jovens, ainda que esta seja mais fluida, menos institucionalizada e hierarquizada, e mais horizontal", Ribeiro et al. (2017).

De acordo os autores Ribeiro, Neves e Menezes (2017), a Cidadania Política deve ser introduzida e ensinada nas escolas através de uma visão “não conformista”, segundo os autores isto significa que ensinar o básico sobre a política aos jovens não é suficiente. Defendem que deve ser incutido aos jovens questionar como o mundo é, de forma a que eles conseguiram adaptar o seu pensamento e orientação política de forma independente diferentemente do que é transmitido em escolas tradicionais, no fundo, é passar de uma escola que unicamente 'ensina a obedecer' para uma escola que 'ensina a participar' na atividade política.

Apesar de existir, de facto, uma grande participação atual majoritariamente de forma pouco convencional, nomeadamente, através das redes sociais, não significa que esta participação seja sempre positiva. O discurso populista propaga-se, na grande maioria das vezes, adaptando-se às carências e frustrações da população perante a ineficácia das instituições democráticas, algo que, pode alcançar novas dimensões devido à constante exposição de opiniões políticas na internet, abrindo um maior caminho para o discurso populista crescer, "esta perspectiva assume, então, que nem todas as experiências de participação promovem atitudes, disposições e comportamentos democráticos nos indivíduos; defende, inclusivamente, que estas podem até encorajar a emergência de traços antidemocráticos", Ribeiro et al. (2017). Deste modo, sem uma análise detalhada e crítica, estes novos conteúdos digitais que tornam a política multidimensional podem ser

utilizados para disseminar o populismo, potenciando o ceticismo nas instituições políticas e o isolamento em bolhas ideológicas, envolvendo “[...] riscos sociais e pode promover estereótipos, conformismo, ceticismo e desconfiança” Ribeiro et al. (2017).

Capítulo III – Populismo: Estudos de caso na União Europeia

3.1 – Instrumentalização do discurso populista

A instrumentalização do Discurso Populista não pode ser compreendida somente como um método de comunicação política, mas também como uma “*weaponization of language*” (“instrumentalização da linguagem como arma”) como refere Celine-Marie Pascale (2019). Esta autora afirma que o discurso populista se transforma num instrumento que promove a exclusão social e discursos de cariz autoritário. Na maioria das vezes, a linguagem utilizada por este tipo de discurso tem como propósito colocar o povo” puro contra as “elites” corruptas, “[...] É utilizada para atacar pessoas perçecionadas como desleais, para desumanizar grupos minoritários ao serviço de um estado-nação mitológico e homogéneo, para desacreditar factos conhecidos e para manipular estrategicamente as respostas emocionais do público” Pascale (2019).

De modo a entender como o discurso populista mobiliza massas, Pascale (2019) descreve quatro pilares utilizados por estes candidatos, de modo a criar o “caos comunicativo e social”. São estes, a propaganda, a desinformação (*fake news*), a censura, e ainda, o discurso quotidiano como refere a autora na sua investigação “*Mundane Discourse*”.

Em primeiro lugar Pascale analisa a Propaganda como resultado da junção da verdade com ficção, tendo como objetivo impor uma visão particular de determinados assuntos, tornando-se numa persuasão que tem como base a manipulação. “Quando o público reconhece uma parte de algo como sendo verdadeira, os outros elementos, que não se sabe serem verdadeiros, parecem mais plausíveis.” A propaganda baseia-se em mecanismos simples, tais como, as emoções, slogans curtos e repetitivos e até pela simplicidade.

Atualmente, “a internet permitiu mecanismos inteiramente novos” com o maior foco nas redes sociais e media, de modo a serem adotadas novos mecanismos de manipulação pelos partidos populistas, algo “[...] que inclui contas automatizadas em redes sociais, a manipulação algorítmica de plataformas e inteligência artificial [...]” Pascale (2019) Deste modo, a informação pode tornar-se personalizada e dirigida a públicos específicos,

consoante as suas ideologias pessoais, através de algoritmos e bases de dados tornando mais propensa a divulgação de informação a eleitores específicos e de forma variada tendo em conta a ideologia individual. Da análise da desinformação, Pascale considera que esta incentiva à dinamização da mobilização, pelo que consiste na distribuição de desinformação através da televisão, rádio, redes sociais, media, no entanto, porém “não se tratam de erros casuais ou não intencionais”. As constantes *Fake News* geram deterioração das instituições democráticas e, consequentemente, à agitação social, e por sua vez, a internet e os dispositivos móveis agilizam a velocidade e a repercussão destas campanhas, com o objetivo de atingir determinados grupos. Normalmente, a confiança do público numa determinada informação, depende da repetição da notícia, isto é, da quantidade de vezes que esta lhe é apresentada e não necessariamente da sua veracidade, “o público é persuadido não tanto pelos factos, mas pela consistência do sistema que gera os factos” Pascale (2019).

Por sua vez, a censura moderna é aplicada como um meio utilizado por governos autoritários, para preservar o seu poder, de modo a proibir qualquer tipo de comportamento ou linguagem que possa ser considerada uma ameaça à sua autoridade. Esta censura é caracterizada de formas subtis, nomeadamente, a proibição de determinados conceitos (“‘evidence-based,’ ‘transgender,’”), de modo a desviar a atenção da realidade. Adicionalmente, é mencionada que a censura pode ser observada através da prática de perseguição a jornalistas, por estes tentarem narrar a verdade das informações, isto leva à criação de um ambiente onde “[...] os interesses de uma imprensa livre há muito que são obscurecidos por governos, empresas e grupos religiosos.” Pascale (2019).

Por fim, o “*Mundane discourses*”, discurso quotidiano, é o procedimento que possibilita uma junção da “propaganda” e da “desinformação”, no dia a dia das pessoas, tornando-se um discurso “normal”. O discurso utilizado pelos candidatos populistas torna-se tão frequente e repetitivo através dos media, fazendo com que palavras violentas e inaceitáveis se tornem “comuns” após tantas repetições no dia a dia, isto é, as pessoas acabam por elas mesmas utilizar a mesma linguagem mesmo sem “acreditar” no que o discurso populista anuncia. A autora compara o discurso populista à ingestão de “dose de arsénico”, “[...] que parecem não ter efeito quando inicialmente engolidas, mas que se tornam altamente tóxicas ao longo do tempo” Pascale (2019), tornando os próprios cidadãos em mecanismos de disseminação do discurso populista, sem estes se darem conta.

Conclui-se que a instrumentalização da linguagem, reunindo diversos elementos combinados, cria estruturas para abalar as instituições democráticas, utilizando uma manipulação estratégica da informação para alargar o discurso populista. Desta forma, fica evidente que a retórica utilizada pelo discurso populista não passa despercebida, esta é concebida para canalizar as necessidades e preocupações das populações de modo a adaptá-las aos seus discursos.

No quadro Europeu, ao longo dos anos, têm-se vindo a destacar líderes políticos que alcançaram o poder através desta retórica, reestruturando as relações entre os governantes e as instituições democráticas. Porém, nem todos os países sofrem as mesmas consequências aos mesmos níveis, existem variações consoante a flexibilidade das instituições de cada Estado. Os autores Bustikova e Guasti (2017), explicam estas variações através de dois conceitos principais: “desvios iliberais” (*illiberal swerves*) e “viragens iliberais” (*illiberal turns*). Os “desvios iliberais” são oscilações na Democracia de um Estado, onde um partido de cariz populista vence as eleições devido à falta de resiliência das instituições, porém as instituições democráticas conseguem apreender esse mesmo impacto e em eleições posteriores contorna-lo. Por sua vez as “viragens iliberais” são alterações no sistema democrático e duradouras de modo a tornar uma democracia liberal numa autocracia eleitoral.

Itália e Hungria são países que sofreram um retrocesso democrático promovida pela eleição democrática de líderes populistas que, uma vez no poder culminam num enfraquecimento das instituições democráticas e no próprio Estado de Direito.

Itália é um país que se assemelha à definição proposta pelos autores de “desvio” devido à sua volatilidade; por outro lado, o caso da Hungria é característico de uma “viragem”, onde o discurso populista foi utilizado como catalisador para enfraquecer as instituições democráticas.

3.2 – O Populismo na Hungria

Hungria é classificada como um caso de “viragem iliberal” Bustikova e Guasti (2017) do continente Europeu, devido às transformações políticas permanentes do papel do executivo e das instituições na última década. Distinguindo-se de incertezas políticas temporárias, o Estado Húngaro sofreu uma reconstrução estrutural e firme do próprio modelo democrático.

O principal momento de viragem na democracia da Hungria ocorreu com as eleições de 2010, o ano em que Viktor Orbán, líder do partido político *Fidesz* venceu as eleições, conquistando uma maioria parlamentar de dois terços do parlamento. Consequentemente o líder Viktor Orbán “não perdeu tempo a avançar com uma série de mudanças drásticas no sistema político húngaro” (Bogaards, 2018), as alterações realizadas seguidamente à vitória nas eleições, resultaram “em mudanças políticas, legais, económicas e administrativas desta magnitude num período de tempo tão curto” (Bogaards, 2018), algo nunca antes visto na história de eleições de um Estado membro da União Europeia.

Foram vários os fatores políticos, económicos e sociais que resultaram na vitória a Viktor Orbán e ao seu partido *Fidesz* nas eleições de 2010. A este contexto está associado o conceito de “Tempestade Perfeita” o qual de acordo com Bogaards (2018) “sugere uma constelação única de forças, que inclui a polarização, o populismo, um efeito de rejeição do governo em funções [*anti-incumbency effect*], a crise económica, a corrupção e a insatisfação com os resultados do processo de transição pós-comunista, amplificados por um sistema eleitoral desproporcional que deu aos vencedores uma supermaioria no parlamento, permitindo-lhes alterar unilateralmente a constituição”. Assim, enquanto Orbán apresentou este resultado como uma forma de “revolução através das urnas”, outros descrevem-no como um “golpe de Estado constitucional” Bogaards (2018).

Um dos motivos que conquistou o apoio do eleitorado nas eleições de 2010 pelo Partido de Viktor Orbán foram as alterações económicas. Estas acentuaram-se devido à omissão de reformas económicas e por polémicas políticas que levaram a uma rutura da coligação governamental, sendo que “em setembro desse ano eclodiram motins na sequência da divulgação de uma gravação em que Gyurcsány admitia perante dirigentes socialistas ter mentido deliberadamente ao público” (Scoggins, 2022).

Para além disso, a taxa de desemprego caiu rapidamente, porém os eleitores continuaram a apoiar o governo socialista “devido à perceção de que este partido defendia políticas favoráveis ao emprego”. Scoggins (2022) afirma que, uma vez que a taxa de desemprego não aumentou ao longo dos anos, a população começou a demonstrar apoio a “um partido que implementasse políticas favoráveis ao crescimento e reduzisse o desemprego” (Scoggins, 2022).

A crise económica por que passava a Hungria e a taxa de desemprego tornou-se um fator fundamental para as eleições de 2010 que deram a vitória a Viktor Orbán.

Este cenário pode ser explicado através das três dimensões propostas pela autora Bonansinga (2020). A crise económica e as polémicas políticas representam a “Dimensão

Estrutural”, que abalou o Estado Húngaro. Consequentemente afetou a “Dimensão Subjetiva”, que diz respeito à forma como os cidadãos assimilaram e reagiram emocionalmente à crise, e para além disso, a mentira do governo quebrou a confiança política e o aumento da taxa de desemprego intensificou esses sentimentos.

Por fim, a “Dimensão comunicativa” permitiu ao *Fidesz* explorar esta vulnerabilidade através da retórica populista, Orbán canalizou a raiva da população contra as elites socialistas e ofereceu uma narrativa de segurança e crescimento económico que o eleitorado precisava.

Atualmente existe uma falta de consenso entre autores para determinar o regime político na Hungria, visto que esta “[...] combina características de uma democracia exclusiva, delegativa, iliberal e tutelar, tornando-a uma democracia "difusamente defeituosa" ”, segundo o autor.

Após a vitória eleitoral do partido político *Fidesz*, a Hungria sofreu alterações a nível Parlamentar, social e judicial. No funcionamento de Parlamento, Bogaards (2018) afirma que “a nova lei eleitoral de 2011 foi introduzida como uma iniciativa individual de um deputado, sem uma discussão significativa no parlamento, sem consulta e sem o apoio da oposição.”.

Esta nova reforma eleitoral teve como principal objetivo “a reorganização dos círculos eleitorais” sendo que “desfavoreceu os círculos da oposição e "a viragem maioritária no sistema eleitoral serviu como uma ferramenta para garantir o sucesso eleitoral a longo prazo do partido dominante" (Bogaards, 2018).

Como consequência, a nova lei legislativa teve um enorme impacto nas eleições de 2014 de visto que, o Partido *Fidesz* alcançou um total de 67% de assentos parlamentares apesar de, na sua totalidade, apenas ter conquistado 45% de votos, algo que o autor, descreve que “De acordo com Tóka, muitos aspetos do novo sistema eleitoral da Hungria parecem, no seu contexto local e político, dar uma vantagem competitiva ao *Fidesz*”.

Desta forma, o Parlamento da Hungria passou a ser gerido por um único partido político, colocando em causa a fiscalização do Governo, assim como o pluralismo político.

Continuando a enfraquecer os pilares democráticos, o Governo de Viktor Orbán conduziu a sua estratégia política para o desgaste dos meios de comunicação à qual o autor, apoiado em estudos de Bajomi-Lázár chama de “colonização dos meios de comunicação pelos partidos”, com intuito de “[...] extrair dos canais de comunicação recursos como tempo de antena, frequências, cargos e dinheiro, e canalizá-los para pessoas leais ao partido, de forma a recompensá-las por vários serviços”, Bogaards (2018).

Depois, o próprio Primeiro-Ministro, Viktor Orbán, elegeu diretamente o líder da “*National Media and Telecommunications Authority*” (NMTA), e de modo a garantir que todos mantinham o controlo durante bastante tempo, todos eles receberam mandatos de nove anos, assegurando a sua longa duração no cargo.

Com o controlo destas instituições, o governo de Orbán começou a silenciar as vozes críticas. De acordo com Bogaards (2018), uma das principais medidas da “*National Media and Telecommunications Authority*” foi chegar a *Club Radio*, que era o canal do partido de oposição e, em 2016, o jornal mais importante e influente do país foi obrigado a fechar. Como menciona o autor através do relatório *Reporters without Borders*, o encerramento deste jornal foi uma decisão que teve por trás “motivações políticas”.

Para além destes fatores, o Partido *Fidesz* usou a sua maioria Parlamentar para aprovar uma nova Constituição em 2011, que como refere Bogaards (2018), "os únicos votos a favor vieram dos partidos do governo". Com esta mudança o Governo de Viktor Orbán atacou o Tribunal Constitucional da Hungria, suprimindo o poder desta instituição de fiscalizar e travar os abusos do poder central, ao que o autor descreve como “controlado pelo governo e despojado de muitos dos seus poderes”.

Adicionalmente, o regime aumentou o número de juizes do Tribunal e preencheu essas vagas com pessoas leais ao Partido e, consequentemente, "o Tribunal Constitucional deixou de ser um contrapeso eficaz ao governo" Bogaards (2018), limitando-se a validar juridicamente tudo o que era ordenado pelo poder executivo, o que originou críticas internacionais devido à nova Constituição e ao enfraquecimento do Tribunal Constitucional.

Em suma, após vencer as eleições de 2011 o que lhe alcançou uma maioria parlamentar, Viktor Orbán não exitou em modificar o Estado Húngaro. Este regime alterou a Constituição Húngara, controlou os meios de comunicação e ainda retirou poderes fundamentais do Tribunal Constitucional.

3.3 – O Populismo em Itália

A ascensão de Giorgia Meloni e do partido *Fratelli d'Italia* tornou-se um dos acontecimentos populistas mais marcantes na Europa na atualidade. *Fratelli d'Italia* foi fundado em 2012 com raízes de Direita-Radical, o qual permaneceu na periferia da política italiana durante vários anos devido à hegemonia de outros partidos de cariz

conservador. Segundo a autora Alessia Donà (2022) “Neste período, o F.d.I. iniciou um processo interno rumo a um partido mais estruturado e organizado”, com o principal foco em unir a Direita que estava fragmentada.

O Estado Italiano tem sofrido uma erosão do Partidos Tradicionais de Centro-Direita e Centro-Esquerda em deterioramento a partidos de cariz populista e antissistema Donà (2022). Neste contexto político ao longo da última década, foram várias as coligações realizadas entre partidos políticos rivais, nas quais o *Fratelli d'Italia* (FDI) optou por manter-se firmemente e de forma constante na oposição.

Segundo a autora, o Partido *Fratelli d'Italia* operou uma profunda viragem ideológica a partir de 2017, abandonando o perfil conservador tradicional para adotar posições de Direita Radical baseadas no autoritarismo soberanismo e euroceticismo.

Esta transição foi impulsionada pela instabilidade do sistema partidário italiano e pelas crises estruturais da União Europeia na última década, entre estes fatores destacam-se “a crise económico-financeira, a crise dos refugiados e requerentes de asilo e os resultados do referendo do Brexit” Alessia Donà (2022), sendo que todos estes levaram a uma maior disseminação da retórica populista de Giorgia Meloni.

Para além desses fatores e devido à queda do executivo italiano, o Presidente da República de Itália nomeou Mario Draghi para chefiar um governo de unidade nacional, “a crise pandêmica em curso, a organização da vacinação em massa e a elaboração do Plano Nacional de Retomada e Resiliência foram os principais temas em torno dos quais se formou o governo de unidade nacional liderado por Draghi” (Donà, 2022).

Perante a gravidade da situação, quase todos os partidos do Parlamento incluindo os grandes partidos tradicionais, aceitaram abdicar das suas diferenças e integrar essa grande coligação governamental. Por outro lado, o partido de Giorgia Meloni, *Fratelli d'Italia*, tomou a decisão estratégica de ser a única grande força política a recusar apoiar o governo de Mario Draghi, mantendo-se firmemente na oposição (Donà, 2022).

Esta postura contribuiu para o aumento da sua popularidade e reforçar a sua posição, dado que, “Desde a sua criação em 2012 até o presente, o F.d.I. tem sido o principal partido de oposição no Parlamento italiano.” (Donà, 2022).

Após a vitória nas eleições de setembro de 2022, começou uma nova fase para o populismo italiano, a partir desse momento *Fratelli d'Italia*, e por sua vez Giorgia Meloni, deixou de estar apenas na oposição e passou a governar e a exercer o poder em Itália.

Contudo, apesar da sua vitória esta conquista exigiu uma reorganização na estratégia política do partido. Se a viragem para a Direita-Radical em 2017 serviu para o partido

crescer como força de oposição e ganhar visibilidade (Donà, 2022), a possibilidade de chegar ao governo obrigou o partido a adotar uma posição mais moderada, “[...] o populismo de direita em Itália se está a transformar de uma forma bastante radical para uma postura mais moderada” Alekseenkova (2022). Segundo a autora E. S. Alekseenkova (2022), a análise dos programas e do discurso eleitoral antes das eleições em 2022 mostram essa mudança.

Para as vencer as eleições de 2022 Giorgia Meloni teve de apostar numa retórica diferente, nomeadamente na alteração de determinados conceitos como explica a autora Alekseenkova (2022), este “apoia-se cada vez menos no euroceticismo e no soberanismo”.

Se em 2018 no programa do Partido “definiam claramente “os inimigos” — as instituições da EU” (Alekseenkova, 2022), a perspetiva mudou completamente nas eleições de 2022. Para conseguir governar, Giorgia Meloni percebeu que precisava de adotar uma postura mais moderada, deste modo “as instituições da UE, a moeda única e as normas da União Europeia já não são vistas como contrárias aos interesses nacionais do país, e o programa não sugere quaisquer métodos para as contrariar” (Alekseenkova, 2022). Deste modo, o Partido *Fratelli d'Italia* alterou a sua estratégia de discurso, reduzindo os ataques contra a União Europeia de forma a demonstrar uma postura mais equilibrada e responsável, usando mecanismos de comunicação, que se implementam na “Dimensão Comunicativa” segundo a autora Donatella Bonansinga (2020).

Em suma, o sucesso eleitoral do *Fratelli d'Italia* em 2022 resultou da capacidade de Giorgia Meloni em conciliar o descontentamento da população enquanto estava na oposição, com uma postura mais moderada à medida que ganhava popularidade e se aproximava a possibilidade de governar o Estado Italiano.

3.4 – Estudo comparativo sobre Itália e Hungria

Tanto o caso da Hungria como da Itália, evidenciam sinais de declínio democrático, embora em níveis distintos, facto que pode ser observado através da análise de diversos indicadores da qualidade da democracia.

O relatório internacional *Varieties of Democracy* (V-Dem) analisa a através da análise de várias dimensões e separa os regimes em quatro categorias essenciais: Democracia Liberal, Democracia Eleitoral, Autocracia Eleitoral e Autocracia Fechada.

De acordo com o relatório, a Hungria aparece designada como “Democracia eleitoral”, estando listada na tabela “*Regimes of the World, 2024*”. Nesta categoria, apesar de existirem eleições multipartidárias para o poder executivo “verificam-se níveis insuficientes de requisitos fundamentais, como a liberdade de expressão, a liberdade de associação e a realização de eleições livres e justas” (V-Dem, 2025).

Por outro lado, o mesmo documento classifica Itália como “Democracia Liberal”, um regime que se destaca por garantir “limitações judiciais e legislativas ao poder executivo, bem como a proteção das liberdades civis e a igualdade perante a lei”.

Complementando esta análise o relatório internacional “*Freedom House*” “avalia o acesso das pessoas aos direitos políticos e às liberdades civis” (Freedom House, 2026) avaliando os países numa escala de 0 a 100 pontos e dividindo-os em três grandes estatutos: Livre (*Free*), Parcialmente Livre (*Partly Free*) ou Não Livre (*Not Free*). Para além disso, divide os 100 pontos em duas partes, nomeadamente, os Direitos Políticos e as Liberdades Civis.

O relatório “*Freedom House*” evidencia o forte impacto do populismo de Viktor Orbán, revelando uma verdade significativamente distinta para o resto da Europa. A Hungria está classificada como Parcialmente Livre (*Partly Free*), sendo o único país da União Europeia que não possui a classificação de Livre (*Free*), acumulando uma cotação de 24/40 em Direitos Políticos e 41/60 em Liberdades Civis. Acrescenta ainda que, desde a sua vitória eleitoral, o Partido Político *Fidesz* “promoveu alterações constitucionais e legais que lhe permitiram consolidar o controlo sobre as instituições independentes do país”, assim como a restrição de partidos de oposição, jornalistas e organizações não governamentais “cuja perspectiva são consideradas desfavoráveis pelo *Fidesz*” (Freedom House, 2026).

Em contrapartida Itália apresenta uma classificação de Livre (*Free*), mantendo uma pontuação favorável com 35/40 em Direitos Políticos e 52/60 em Liberdades Civis. O relatório evidencia que o Estado Italiano apresenta um sistema parlamentar estável com eleições multipartidárias competitivas, apesar de que as “liberdades civis são, em geral, respeitadas, mas persistem preocupações em relação aos direitos dos migrantes e das pessoas LGBT+” (Freedom House, 2026).

Em síntese, os dados dos relatórios internacionais “*Varieties of Democracy*” (V-Dem) e “*Freedom House* (2026)” demonstram que o avanço do populismo atua em diferentes intensidades. Enquanto que na Hungria resultou na rotura democrática e na transição para uma autocracia eleitoral parcialmente livre, na Itália as instituições democráticas têm

resistido mantendo o país como uma Democracia livre, embora sempre sob vigilância face aos primeiros sinais de declínio democrático.

Conclusão

Após a investigação desenvolvida com o objetivo de analisar as motivações e estratégias dos movimentos Populistas da União Europeia para mobilizar o eleitorado, é possível mostrar os resultados que foram obtidos através de uma abordagem qualitativa baseada em revisão da literatura, nos Relatórios *Varieties of Democracy* e *Freedom House*, e nos estudos de caso da Hungria e de Itália, este projeto compreendeu o Populismo como uma resposta complexa às mutações do século XXI.

A pesquisa mostra que o declínio da democracia atualmente acontece dentro do próprio sistema através de governos que foram eleitos pelos cidadãos. Os líderes populistas capitalizam as falhas da Democracia Liberal e as crises estruturais de modo a atrair quem está descontente com a política tradicional.

No plano da Sociologia Política, a eficácia do Populismo reside na instrumentalização entre emoções e desinformação. Esta retórica canaliza racionalmente emoções negativas como o medo e a raiva, e opera através de uma ideologia flexível que divide a sociedade entre um “povo puro” e “elites corruptas”. O sucesso desta retórica é impulsionado pela instrumentalização da linguagem como arma, assente em fatores como a propaganda, *Fake News*, censura subtil e na normalização de discursos agressivos no quotidiano.

Por fim, os casos práticos ajudam a perceber que o impacto desta retórica afeta os países de maneiras diferentes. Em Itália, o impacto foi temporário devido à instabilidade do país. Já na Hungria, houve uma mudança profunda permanente. Depois de vencer as eleições de 2010, o governo alterou as leis e os círculos eleitorais para enfraquecer a oposição e controlar o poder.

Referências Bibliográficas

Alekseenkova, E. S. (2022). Transformation of right-wing populism in Italy in 2018–2022: From sovereignism to patriotism. *Herald of the Russian Academy of Sciences*, 92(Suppl. 7), S667–S674.

Angelucci, D., & De Sio, L. (2021). Issue characterization of electoral change (and how recent elections in Western Europe were won on economic issues). *Quaderni dell'Osservatorio elettorale - Italian Journal of Electoral Studies*, 84(1), 45–67.

Bogaards, M. (2018). De-democratization in Hungary: diffusely defective democracy. *Democratization*, 25(8), 1481–1499. <https://doi.org/10.1080/13510347.2018.1485015>

Bonansinga, D. (2020). Who thinks, feels: The relationship between emotions, politics and populism. *Partecipazione e Conflitto*, 13(1), 83–106. <https://doi.org/10.1285/i20356609v13i1p83>

Bustikova, L., & Guasti, P. (2017). The illiberal turn or swerve in Central Europe? *Politics and Governance*, 5(4), 166–176. <https://doi.org/10.17645/pag.v5i4.1156>

Donà, A. (2022). The rise of the Radical Right in Italy: the case of Fratelli d'Italia. *Journal of Modern Italian Studies*, 27(5), 775–794. <https://doi.org/10.1080/1354571X.2022.2113216>

Freedom House. (2026). Italy: Freedom in the World 2026 Country Report. <https://freedomhouse.org/country/italy/freedom-world/2026>

Huntington, S. P. (1991). *The third wave: Democratization in the late twentieth century*. University of Oklahoma Press.

Koch, C. M., Meléndez, C., & Rovira Kaltwasser, C. (2021). Mainstream voters, non-voters and populist voters: What sets them apart? *Politics*, 41(4), 449–466. <https://doi.org/10.1177/00323217211049298>

Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). How democracies die. Crown.

Mudde, C. & Rovira Kaltwasser, C. (2017). Populism: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press

Müller, J.-W. (2017). *O que é o populismo?* (R. R. Ferreira, Trad.). O Livro de Areia.

Pascale, C.-M. (2019). The weaponization of language: Discourses of rising right-wing authoritarianism. *Current Sociology*, 67(6), 898–917.
<https://doi.org/10.1177/0011392119869963>

Ribeiro, N., Neves, T., & Menezes, I. (2017). An organization of the theoretical perspectives in the field of civic and political participation: Contributions to citizenship education. *Journal of Political Science Education*, 13(4), 426–446.
<https://doi.org/10.1080/15512169.2017.1354765>

Scoggins, B. (2022). Identity politics or economics? Explaining voter support for Hungary's illiberal FIDESZ. *East European Politics and Societies and Cultures*, 36(1), 3–28. <https://doi.org/10.1177/0888325420954535>

V-Dem Institute. (2025). Democracy Report 2025: 25 Years of Autocratization – Democracy Trumped? University of Gothenburg. https://www.v-dem.net/documents/46/V-dem-dr_2025_lowres.pdf

Zúquete, J. P. (2022). Populismo: Lá fora e cá dentro. Fundação Francisco Manuel dos Santos.